

# **A CRÍTICA SOCIAL E IDEOLÓGICA DOS POEMAS DE CAZUZA**

**CAMPOS, Aline Santos.** (autora)  
alinecampos@infonet.com.br

**NUNES, Antonia Maria.** (Orientadora)  
Mestre em Comunicação e Semiótica; professora de Teoria Literária do Curso de Letras da Universidade Tiradentes.  
nianunes@yahoo.com.br

## **RESUMO**

O artigo teve o propósito de analisar poemas de temática social e ideológica do poeta Cazuzza. Através de fortes críticas feitas a diversos setores da sociedade, como os burgueses e políticos, sua ideologia foi absorvida rapidamente pelos jovens. Assim deixou um legado histórico e literário que divulga traços políticos daquele período e expondo poesias de temática e forma contemporânea.

A década de 80 foi marcada por diversas alterações políticas e sociais. O Brasil estava saindo do período da Ditadura Militar e logo depois houve mudanças na forma de escolha do governo. Os jovens saíram às ruas, cantaram, divulgaram suas indignações, visto que agora tinham liberdade de imprensa. Cazuzza foi um deles que compôs e mostrou uma forte rejeição a atitudes da classe política e burguesa de forma poética e clara, tornando-se um dos maiores poetas de sua geração.

## A CRÍTICA SOCIAL E IDEOLÓGICA DOS POEMAS DE CAZUZA

Cazuza foi um poeta musical que se destacou na década de 80, época em que várias mudanças sociais e políticas ocorreram. Devido a essas alterações, a temática social exposta nas letras de músicas do poeta Cazuza, com seus traços ideológicos, firma-se entre a juventude que busca novas idéias. Várias bandas e cantores também se destacaram com letras que expressaram forte conteúdo social e ideológico, a exemplo de Legião Urbana, Barão Vermelho, Titãs, Paralamas do Sucesso, Caetano Veloso, Arnaldo Antunes entre outros. A década de 80 marcou também o surgimento da MTV e do vídeo-clipe, que apesar de não ter a mesma sofisticação dos dias atuais, tornaram-se ferramentas de divulgação obrigatória. Os jovens passaram a ser grandes consumidores dessas tecnologias audiovisuais que passou a ditar o que era sucesso entre eles. Foi ainda à década da Aids que atingiu o poeta Cazuza, o primeiro artista a assumir para o público sua doença. Surgiu, ainda, uma esquerda pós-ideológica baseada nas identidades e diversidades internas.

Quanto a essas diversidades ideológicas, Marilena Chaui (Chaui, 2003, p. 11) explica que para que haja ações humanas deve haver causas, levando a atividades que ela dividiu como técnica e ética ou política. Essa última, também conhecida por *práxis*, ela acrescenta:

[...] A *práxis*, porém, é a atividade própria dos homens livres, dotados de razão e de vontade para deliberar e escolher uma ação. Na *práxis*, o agente, a ação e a finalidade são idênticos e dependem apenas da força interior ou mental daquele que age. [...] (2003, p. 11)

Percebe-se que o conceito colocado por Chaui sobre a *práxis*, pode ser adotado aqui pra se falar da ação poética de Cazuza, que utilizava música como veículo de protesto e de ação. Visando atingir principalmente a falta de ética na política e na burguesia em geral, o poeta em seus versos exprime uma realidade social com um conteúdo fortemente ideológico,

logo assimilada pela juventude, tornando-se uma espécie de “porta-voz dos jovens”. O artista traduz e representa o discurso daqueles que não tinham voz. E essa proposta de transmissão ideológica, segundo Ítalo Moriconi (Moriconi, 2002, p. 10) é proposital do poeta, já que quando esses profissionais escrevem um poema, desejam que este seja integrado ao sistema psíquico dos leitores. Somos o que vivemos e o que lemos.

Antes da geração de 80, a qual pertencia Cazusa, outros escritores, músicos, poetas, também se manifestaram fazendo crítica a atuação de determinadas classes da sociedade. Mas na década de 60, a ditadura Militar agia com rigor contra manifestações populares. Bastante autoritária e repressiva exilou vários artistas e políticos que exprimiam suas revoltas diante da posição assumida pelos líderes ditatoriais. Em vista das diversas alterações políticas e sociais ocorridas no Brasil, toda a cultura sofreu o reflexo causado por essa euforia. Diversos setores sofreram forte repreensão, como: fechamento do Congresso, jornais censurados, revistas, filmes, músicas, perseguição e exílios.

Ainda na década de 60, surgiu o movimento musical conhecido por Tropicalismo, que lançou cantores conhecidos até hoje é o caso de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Tom Zé, entre outros. O contexto de humor e irreverência, atitudes rebeldes e anarquistas, tentava mudar a ingenuidade que dominava o cenário brasileiro, retomando a idéia do movimento antropofágico de Oswald de Andrade. Mas seus líderes foram exilados na época da ditadura militar.

A geração de Cazusa não sofreu repressão cultural, pois em 1979, o presidente Figueiredo retirou o Ato Institucional (AI-5) que determinava o impedimento da liberdade cultural. Por isso, o poeta teve a liberdade de expor, através da música, suas idéias de indignação. O fato de ter transformado poesia em música fez com que seu trabalho atingisse milhares de pessoas, característica de uma época em que a música rouba o lugar cultural do poema literário. Essa poesia musicada segundo Ítalo Moriconi (Moriconi, 2002, p. 8), abrange

muito mais do que a linguagem verbal, oral ou escrita. Ela explora os sons, dando várias possibilidades de sentido. Por isso, poesia musicada consegue ter grande destaque. Além disso, há outras vantagens: é divulgada pela mídia em maior proporção, chegando a milhares de pessoas.

Poesia não é apenas representação da beleza, romantismo, mas pode ser bem áspera, grosseira. Normalmente são as que trazem o dia - a - dia, a realidade social, desejo de justiça, que é onde se enquadram as escritas por Cazuzu, poesia social e a marginal.

A poesia social, apesar de ter grande destaque até hoje, tem como principal mentor Ferreira Gullar, que retoma o verso discursivo e temas de interesse social rompendo com o concretismo na década de 60. Ela está, em boa parte, nas letras da música popular, no rock dos anos 80, no cordel e no *hip hop* das últimas décadas. Enquanto que a poesia marginal surgiu na década de 70 sendo seus principais representantes: Wally Salomão, Cacaso, Chacal, Torquato Neto, Paulo Leminski, Gilberto Gil (Marginalia e Geléia Geral) entre outros. Um movimento cultural que surgiu de um “bochicho contracultural”. Uma reunião de poesias e de atitudes por parte de diversos, que segundo Leila Miccolis (Miccolis, 1987, p. 21), tem um caráter de resistência e o desejo de criar novas formas de vidas. Ela ainda insi em creditar ao movimento a “capacidade de ter mudado o fazer e o falar líricos, enriquecendo o emotivo com uma visão consciente [...] e instigante da realidade social” (Miccolis, p. 79). E apesar de ser encarada como uma deturpação poética, muitos literários a consideram uma tentativa consciente de trazer à tona novos modos e formas de linguagem peculiares a certas vivências, reforçando o que foi dito acima por Leila Miccolis.

Ítalo Moriconi explana um pouco mais sobre a poesia do fim do século,

*“O/A poeta do último fim do século, que é também o/a poeta deste iniciozinho de século XXI, busca seu lugar incomum, radicalmente singular, na linguagem, na arte. A poesia promete uma nova explosão de singularidade. ( Miccolis, 2002, p. 140-141)”*

Moriconi ainda cita os tipos de poesias que surgiram no final do século XX, que trazem marcas sexuais como a poesia homossexual, a poesia racial, a pessoal e a feminista.

Devido o pai de Cazuzza ser dono de gravadora, todos esses famosos do Tropicalismo e outros freqüentavam sua casa e serviram de “espelho” para o astro, como ele mesmo nos informa em depoimentos recolhidos por Ezequiel Neves (músico que conviveu com a banda Barão Vermelho) em entrevista às revistas ISTO É, PLAYBOY, AMIGA e INTERVIEW, no período de 1983 a 1989:

Meu pai também pesou muito. Ele sempre transou disco e, quando eu era menino, tinha a casa cheia de artistas. Eram cantores que chegavam e saíam o tempo todo. Conheci Elis Regina, os Novos Baianos, Jair Rodrigues, que gostava de brincar de me jogar para o alto, e outros cantores. Na nossa casa, se respirava música o tempo todo.

O pós-modernismo trouxe uma grande quantidade de poesias musicadas e vários foram os que fizeram isso: Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Caetano, Elis Regina e muitos outros. Cantavam bossa-nova, pop, românticas e vários eram os ídolos de Cazuzza; além de diversos literatos como: Nelson Rodrigues, William Blake, Augusto dos Anjos, Ginsberg com Cassandra Rios, Rimbaud com Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector que serviram como inspiração para suas obras.

É sabido que Cazuzza tinha um gosto bastante eclético. Quando começou sua carreira junto com a banda Barão Vermelho, já tinha algumas poesias escritas e logo as musicou. Só após alguns anos de carreira, Cazuzza conseguiu aprofundar sua reflexão sobre a realidade e buscou novas formas de expressão, características presente na poesia atual segundo José de Nicola, (Nicola, 1998, p. 404). Esse “amadurecimento” da obra do poeta fez com que a poesia continuasse viva, além de ser atemporal, principalmente, a de temática social que segundo o próprio compositor afirma, falam de problemas que existem no país desde o seu descobrimento e provavelmente permanecerão por toda vida. Suas obras disseminadas por poetas e intelectuais deixam um legado histórico e político.

O poeta marca sua poesia, em grande parte, por manifestações críticas a causas julgadas por ele como errôneas. Essa forma de revelação é explicada por teóricos. A sociedade civil se manifesta há anos através de seus ideais, demonstrando por meio do pensamento ou interpretações de idéias. Essa teoria é explicada:

A sociedade civil realiza-se através de um conjunto de instituições sociais encarregadas de permitir a reprodução ou a reposição das relações sociais – família, escola, igrejas, polícia, partidos políticos, imprensa, meios de informação, magistraturas, Estado etc. Ela é também o lugar onde essas instituições e o conjunto das relações sociais são pensados ou interpretados por meio das idéias – jurídicas, pedagógicas, morais, religiosas, científicas, filosóficas, artísticas, políticas etc. (CHAUI, M. 2001. p. 70)

Segundo Chauí (Chauí, 2001, p. 22), devemos analisar as relações sociais para explicar o que leva artistas e outros a se manifestarem diante de conteúdos e causas dos pensamentos e das atitudes do homem e, ainda, o porquê da maneira de agir e pensar de forma determinada, exprimindo de tal forma a modificar ou conservar algo.

Analisando a poesia crítica social de Cazuza, percebemos que ele procurou verbalizar o que havia de contraditório na sociedade. Apesar de ter nascido burguês como ele mesmo afirma em sua música “Burguesia”, as letras de suas canções mostram o quanto ele tinha consciência dos problemas que enfrentava a sociedade. Para ficar na memória das pessoas ou mesmo para que elas promovam uma reforma social, Cazuza colocava em suas canções o desprezo que tinha pelos burgueses egoístas, pelos políticos corruptos, entre outros “sujos” que agem de tal forma nas suas relações sociais. Visto que é uma relação em que uma classe social explora e a outra é dominada. Os dominadores difundem suas idéias para validar e assegurar seu poder econômico.

Uma das músicas mais famosas do poeta é “Burguesia”. Nessa canção fica clara a crítica ácida feita à sociedade em geral. Nos versos iniciais “Não me convidaram/ Pra essa festa pobre/ Que os homens armaram pra me/ convencer [...]”, refere-se àqueles que foram

excluídos por não ter o status necessário para estarem naquele local. O que demonstra um preconceito social, que exclui os que não têm o poder, o conhecimento ou qualquer outro atributo que o faça ser considerado digno disso ou daquilo, segundo os critérios da sociedade. Cazusa se coloca no lugar do povo, daqueles que não conseguem falar o que desejam, os seus anseios, desejo de igualdade. E principalmente os políticos, classe constituída de poder, são bons em persuadir a sociedade esquivada de conhecimento. Por isso ele segue “[...] A pagar sem ver/ Toda essa droga [...]”, a população paga diversas taxas ao governo sem nem ao menos conhecer o que está pagando ou não ver pra onde o dinheiro foi direcionado.

Na segunda estrofe “Não me ofereceram/ Nem um cigarro/ Fiquei na porta estacionando os carros/ Não me elegeram/ Chefe de nada [...]”, nesses versos Cazusa se coloca no lugar daqueles que não têm oportunidade, nascem pobres e continuam sempre pobres por falta de chance. Esse processo de Cazusa se colocar no lugar do outro, aproxima seu discurso das classes menos privilegiadas. Em alguns momentos do seu discurso, o eu lírico transvestesse em cada tipo social citado por ele, oras feminino, oras masculino. “Brasil/ Mostra tua cara [...]”, refrão muito conhecido que mostra a ânsia do povo em conhecer aquilo que o Brasil tem a oferecer. Sabemos que é um país rico de recursos naturais que poderiam ser mais bem aproveitados; dispõe de tecnologia, porém não qualifica os seus cidadãos; os políticos não investem na educação, pessoas de grande conhecimento cultural sabem escolher melhor seus representantes, por isso, não interessa pra eles investir em algo que poderá tirá-los do poder; as autoridades não investem nos pequenos empresários, o que poderia torná-los grandes empregadores; os grandes empresários só visam o lucro, não se preocupam com os funcionários, colocam atividades demais pra uma só pessoa, economizando mão-de-obra. Então isso demonstra que o Brasil tem potencial, falta quem invista nisso, por isso “Brasil mostra tua cara”.

No seguimento do poema, o compositor se colocará como um eu lírico feminino, mais uma vez para se situar na posição de uma mulher. “Não me sortearam/ A garota do Fantástico/ Não me subornaram/ Será que é o meu fim?(...)”, muitas vezes o único meio de um brasileiro conseguir alcançar uma posição social melhor é conseguindo chegar à carreira artística ou recebendo propina, principalmente pra fazer um serviço ilegal. Por isso, na letra da canção ele se pergunta se é o seu fim. “Ver TV a cores/ Na tábua de um índio/ Programada pra dizer” sim “,” sim “”, esse verso relata a realidade da televisão brasileira, em que principalmente a Globo é vista como uma emissora manipuladora. Na história do Brasil, na década de 90, o presidente Fernando Collor de Melo conseguiu amplo respaldo da mídia televisiva:

[...] Seu discurso acabou por lhe abrir maior espaço na imprensa, com alguns veículos aderindo abertamente à sua campanha, como foi o caso das Organizações Globo.[...][...] A campanha resumia-se a aparições breves, discursos inflamados e exibição de gesticulação agressiva, tudo isso cercado de grande expectativa criada pela televisão.(VICENTINO, C. ; DORIGO, G. 2001. p. 649).

Mesmo assim ele se coloca na defesa do seu país dizendo: (Não vou te trair). O fato de não estarmos aprovando as atitudes do nosso país, não significa que devemos impor nossos direitos com agressividade, depredando órgãos públicos, tirando os recursos naturais, mas sim expondo suas idéias, enfrentando com inteligência as injustiças, ficando a tona, ao conhecimento de todos o que acontece de iníquo na sociedade.

Em relação temática de suas letras, pode ser destacado vários temas freqüentes na obra de Cazuza, “vida” por exemplo, é visto de diversos sentidos. Exemplo: a vida que precisa ser vivida sem reservas, os objetivos de vida que precisam ser traçados, a esperança de uma vida igual para todos, a importância do amor na vida e um viver sem máscaras. Em relação à música Brasil, a vida é tratada de maneira que todos tenham direitos iguais num país igualitário. “Brasil, qual é o teu negócio. O nome do teu sócio confia em mim”. Faz-se um apelo às autoridades que dêem crédito as pessoas incógnitas.



Há outras músicas que mostram uma tentativa de refúgio da vida conturbada em que vivia o poeta. Onde são postas expressões de esperança. Tem-se como exemplo a canção “Pro dia nascer feliz”. Ele encara a vida como sinônimo de curtição, desejando uma vida solta, sem compromissos. “O mundo inteiro acordar e gente dormir, dormir pro dia nascer feliz. O mundo inteiro acordar e a gente dormir”. A palavra dormir não tem o sentido de dormir, mas sim um estado de espírito que a única responsabilidade seria viver de forma livre e espontânea. A vida não seria simplesmente existir, mas existir deixando algo de novo. E opondo-se às regras impostas pela sociedade, que é entendida como sinônimo de corrupção, hipocrisia e preconceitos absurdos, que revela o lado deprimente da classe social em que o autor viveu, mesmo tendo dentro de si um sentimento ruim, em relação a esta, aliando-se à classe proletária. O otimismo tem espaço quando ele diz: “... estamos meu bem por um triz, pro dia nascer feliz...”, a esperança que ao acordar, qualquer dia encontraria um mundo feliz, vivendo todos em liberdade.

Uma outra música de grande repercussão do poeta foi “Burguesia”, classe rica que tem como objetivo continuar enriquecendo e muitas vezes destruindo os que já têm pouco. Por isso Cazuzza diz: “A burguesia fede/ A burguesia quer ficar rica. Enquanto houver burguesia não vai haver poesia”. Essa última colocação do poeta é explicada na sequência da música. Em que ele coloca: “A burguesia não tem charme nem é discreta/ Com suas perucas de cabelos de boneca/ a burguesia quer ser contry/ a burguesia quer ir a New York fazer compras”. Percebe-se que a luxúria é a única preocupação burguesa, que quer extravasar gastando dinheiro, muitas vezes sem necessidade. Visto que a poesia tende a ser reflexiva, libertadora, reveladora da verdade, vai de encontro aos princípios burgueses, já que muitas trazem a realidade injusta que vive essa classe social.

O poeta segue colocando uma própria realidade, já que ele também nasceu burguês, mas era consciente de que um *status* social não pode permitir que se sinta superior aos outros..

Visto ser de classe alta e ter colocado em alguns versos do poema que “a burguesia fede”, o poeta achou justo se igualar a eles dizendo: “Eu também cheiro mal”. Mas ele não se adequou aquela vida, ao meio social rico que vivia, por isso estava sempre em busca de novas aventuras e gostava de estar com pessoas simples, que não cheirassem mal.

Na próxima estrofe: “A burguesia ta acabando com a barra/ Afunda barcos cheios de crianças e dormem tranqüilos”. O letrista demonstra nesses versos a insensibilidade da classe rica, que para conseguir enriquecer ainda mais prejudica inconseqüentemente e conscientemente outros cidadãos, principalmente da classe baixa. Eles querem apenas o que os beneficia. Um exemplo de burguês descrito nos versos acima pode ser o senador Jorge Bornhausen, que declarou odiar o povo brasileiro quando disse: “A gente vai se ver livre desta raça (sic), por, pelo menos, 30 anos”. A raça citada por ele seriam os “negros”, “pobres”, “sujos”, “brutos”, - em suma, desprezíveis para essa casa grande da política brasileira. É habitual o uso desse termo discriminatório por parte dos políticos ao se referir à sociedade desprivilegiada do Brasil, segundo Emir Sader, professor da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), coordenador do Laboratório de Políticas Públicas da Uerj e autor, entre outros, de “A vingança da História”. Artigo publicado originalmente na Agência Carta Maior, em 28/8/2005. São de pessoas abjetas como ele que Cazusa se refere. Além dos políticos há outros grupos de burgueses, os fazendeiros, por exemplo, matam dezenas de pequenos agricultores por causa de terras que muitas vezes não os pertencem, os jornais mostram com freqüência golpes em que terras são adquiridas através de documentações falsas.

Por isso o compositor Cazusa segue seus versos defendendo uma atitude da população, manifestações que mostrem a revolta da população diante de tais agressores. Ele diz: “Vamos pegar o dinheiro roubado da burguesia/ Vamos pra rua...”. Ele quer que o povo

mostre que sabe que são roubados e que essa situação não pode continuar, mas que não se escondam como fizeram na década de 64 para não serem presos e exilados.

Por todas as calamidades que foram relatadas, cazuza diz: “Vamos acabar com a burguesia/ Vamos dinamitar a burguesia/ Vamos pôr a burguesia na cadeia/ Numa fazenda de trabalhos forçados”. Mas isso não quer dizer que todos os ricos são ruins, ele se coloca como um bom burguês, um artista que está ao lado do povo. E continua afirmando que há ricos que trabalham honestamente e se preocupam com o próximo sem olhar a classe social. Trabalha para o país em benefício do povo e em sua defesa, sem abandoná-lo. Isso pode ser comprovado nos versos: “[...] Mas também existe o bom burguês/ Que vive do seu trabalho honestamente/ Mas este quer construir um país / E não abandoná-lo com uma pasta de dólares/ O bom burguês é como o operário/ É o médico que cobra menos pra quem não tem/ E se interessa por seu povo/ Em seres humanos vivendo como bichos/ Tentando te enforcar na janela do carro/ No sinal [...]” .

Uma outra canção do poeta, apesar de não ter sido um dos seus grandes sucessos, exibiu uma outra problemática social, a questão do racismo. A canção que tem o título de “O Brasil vai Ensinar o Mundo”, composta por Cazuza e Renato Rocket, traz nos primeiros versos: “No mundo inteiro há tragédias/ E o planeta tá morrendo/ O desespero dos africanos/ A culpa dos americanos”. Essa primeira estrofe traz uma realidade vista todos os dias nos jornais; tragédias naturais ou causadas pelo homem. Principalmente em países árabes, onde há guerras inacabáveis. Milhares de inocentes morrem todos os dias com fome ou por causa de guerras injustas em que os responsáveis são os únicos a se beneficiarem e que correm menos riscos de vida, visto que ficam em suas casas luxuosas apenas ordenando estratégias enquanto os soldados morrem com uma falsa ilusão que estão lutando pela pátria. Países pobres como a África, vivem em uma guerra civil, lutando por liberdade e direitos iguais. Os

Estados Unidos, o país mais rico do mundo, se acha no direito de ditar regras nos países subdesenvolvidos e impor uma política econômica que os fazem escravos eternos. Já que esses países precisam do dinheiro pra se desenvolver e os juros cobrado pelo EUA são altíssimos fazendo com que os países que fizeram o empréstimo só consigam mal pagar os juros.

Na estrofe seguinte, o poeta fala da mistura de raças presente no Brasil. Ele diz: “O Brasil vai ensinar o mundo/ a convivência entre raças preto, branco,/ judeu, palestino/ porque aqui não tem rancor”. A mistura de raças existente no Brasil é um fato histórico, apesar de índios e negros terem sofrido perseguições até muitos anos e ainda sofrem, mas em pequena escala. Há um processo de conscientização bastante forte por parte de vários órgãos, como ONG, rede de televisão, legislação com leis claras de punição pra quem ousar humilhar outro por causa de cor da pele. Apesar de polêmico, ouve também uma iniciativa das instituições superiores para selecionar vagas para negros e pardos nos cursos. Sabemos que na realidade, a população carente é formada, em sua maioria, pela raça citada e muitos não têm oportunidade de estudar por ter que trabalhar muito cedo pra ajudar nas despesas de casa. Além de não terem condições financeiras de estudar em boas escolas, por isso, pra muitos, a iniciativa de ajudar a raça negra ingressar na faculdade é plausível. A ausência de guerras civis no Brasil é outro fator que explica a posição de Cazusa em dizer que “aqui não tem rancor”. Sabe-se que não há brigas aqui por causa de religião, que é a causa de guerras em países árabes há centenas de anos; ou mesmo por tentativa de independência por parte dos Estados, como acontece freqüentemente em muitos países da África e da Ásia.

Cazusa continua, “E há um jeitinho pra tudo”, podemos relacionar ao fato de o brasileiro, mesmo diante de muitas injustiças e violência vistas no país, a população mantém a alegria como se tivesse um jeitinho de resolver tudo depois da euforia. A próxima estrofe

reforça a idéia que já foi explicada anteriormente: “O Brasil vai ensinar ao mundo/ A arte de viver sem guerra/ E, apesar de tudo, ser alegre/ Respeitar o seu irmão”.

“O Brasil tem que aprender com o mundo/ E o Brasil vai ensinar ao mundo/ O mundo vai aprender com o Brasil/ O Brasil vai aprender com o Brasil/ O Brasil tem que aprender com o mundo. A ser menos preguiçoso/ a respeitar as leis/ Eles têm que aprender a ser alegres/ E a conversar mais com Deus”. Essas estrofes colocam que assim como os outros países têm problemas que existem em pequena proporção no Brasil, podendo tomá-lo como modelo pra solucioná-los. Acontece também vice-versa, já que este país também tem que seguir modelos de outros pra tentar resolver a questão da violência; leis mais precisas pra impedir que a corrupção envergonhe tanto a pátria entre diversas outras realidades. Em relação a serem mais alegres e a conversar com Deus, o poeta relata o que já é conhecida pelo mundo todo, a alegria presente no país com festas atraentes a exemplo do carnaval e do São João. E, apesar de católico, o Brasil tem uma diversidade de religiões que, por lei, todos têm liberdade de crença, sem que haja nenhuma guerra por parte dos seguidores.

A última música a ser analisada será “Ideologia”, que mostra um aspecto interessante do poeta que clama por uma ideologia pra viver, mesmo sendo o autor de tantas ideologias observadas em várias canções. Marilena Chaui conceitua ideologia como um “conjunto de idéias de uma época” (Chaui, 2003 p. 28), essa união é vista na poética social de Cazusa, em que ele expõe suas idéias a respeito de setores da sociedade. Então se pode dizer que ele já tem uma ideologia. Mas já foi dito pelo poeta que ele está sempre em busca de algo mais, é incansável sua busca por novas sensações, letras de poema. E suas idéias são conscientemente escritas, trata-se de uma realidade histórica e social. Chaui diz:

[...] um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as idéias como independentes da realidade histórica e social, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as idéias elaboradas e a capacidade ou não que elas possuem para explicar a realidade que as provocou. (Chaui, 2003, p. 13)

No caso de Cazuzza, a realidade consegue ser explicada de forma verídica, já que o que vemos na sua ideologia social é fato desde sua década até a atual. A televisão relata todos os dias corrupção, guerras, autoritarismo americano entre outros. Por isso que Cazuzza escreveu: “Meu partido/ É um coração partido/ E as ilusões estão todas perdidas/ Os meus sonhos foram todos vendidos/ Tão barato que eu nem acredito [...]”. Essa é a realidade de muitos que se decepcionam com a política brasileira. Atualmente o partido PT, que era admirado por muitos, hoje é motivo de decepção diante das inúmeras denúncias de corrupção por parte dos deputados petistas. Nos versos que relatam a perda das ilusões do autor, percebe-se que a compra de votos é frequente em todas as eleições, mesmo a prática ser proibida por lei. Quando um voto é dado em troca de suborno, o futuro de todos é comprometido, visto que um político que já começa corrompendo, continuará a fazê-lo. E os sonhos dos cidadãos que se “venderam”, serão interrompidos.

“Meus heróis morreram de overdose/ Meus inimigos estão no poder”, nessas linhas percebe-se uma característica de vários cantores e personalidades importantes que Cazuzza admirava, morreram vítimas de overdose a exemplo de Janes Joplin, Elis Regina e outros. Os inimigos a quem ele se refere são os governantes, figuras bastante criticadas na sua poética.

Diante do fim, ou seja, da morte dos heróis de Cazuzza por overdose e a descoberta de que tinha contraído Aids fez com que sua poesia tivesse uma letra mais densa, amadurecida. Isso é percebido nos versos “O meu prazer/ Agora é risco de vida/ Meu *sex and drugs* não tem nenhum *rock’n’roll* [...]”. A vida boêmia do poeta o levou a ter que abandonar, mesmo que parcialmente, a sua diversão: usar drogas e fazer sexo. Isso o faz desejar esquecer sua identidade e o “garoto que ia mudar o mundo”, perdeu as esperanças. Pode-se, então, dizer que a ideologia retratada pelo poeta nas canções anteriores, no momento em que escrevia esse poema, tinha perdido o sentido pra ele. Então ele necessitava de uma ideologia nova, que se

relacionasse ao momento em que vivia. Mas isso não quer dizer que as canções anteriores à descoberta da doença, tenham deixado de ter fundamento, nem pra ele, bem como para os leitores de suas letras.

Através de conceitos teóricos e práticos relatados nesse trabalho, pode-se observar a importância da obra de Cazuzza, assim como a de muitos outros poetas e literários que utilizam a arte e a Literatura para clarear novas idéias na sociedade que vive ingenuamente ou que apesar de perceber fatos não inaceitáveis, ficam calados por temer ou não conhecer meios de colocar átona seus anseios. O poeta busca fazer isso por eles. Visto a sociedade ter liberdade de expressão, deve aproveitar e buscar meios de, assim como Cazuzza, criticar.

E ainda, o fato de sua obra mostrar a realidade de uma época, servirá como um legado histórico, servindo de amostra para as futuras gerações, talvez até como um exemplo que contribuirá pra um processo de liberdade, pelo menos em alguns aspectos, da sociedade. Por isso, a importância de preservação e de um estudo contínuo das poesias que trazem temáticas sociais e ideológicas, como as de Cazuzza e tantos outros que seguiram ou mesmo iniciaram essa temática.

Devido colocações de expressões tão fortes para expor sua ideologia, Cazuzza é um poeta atemporal e que terá suas poesias úteis para mostrar a realidade social por longos anos, talvez para todo o sempre. Políticos imorais e ambiciosos, burgueses egoístas, tudo isso existirá sempre, o importante é que assim como o compositor fez, esperasse que outros também exponham de forma pacífica e séria sua indignação e tentativa de expor o que talvez nem todos conseguem perceber, a necessidade de lutar por seus direitos e obter uma vida mais justa e democrática.

## REFERÊNCIAS

CHAUI, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleções primeiros passos, 13)

MICOLLIS, Leila. **Do poder ao poder**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1998.

VICENTINO, C. ; DORIGO, G. **História para ensino médio**: história geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2001. (Série Parâmetros).

<http://cazuza.com.br.html>. Acessado em: 17 de julho de 2005.

<http://www.vagalume.uol.com.br/letra/c/cazuza/brasil.html>. Acessado em 13 de Dezembro de 2005.